

ARQUIVO INDIGENISTA
DA DIOCESE DE RORAIMA
Boa Vista, janeiro de 1985

DEPOIMENTO DE GABRIEL VIRIATO RAPOSO

Gabriel Viriato Raposo nasce na maloca da Raposa mais ou menos em 1920, filho primogenito do tuxaua Zeca Viriato. Foi tuxaua e delegado da FUNAI. Este depoimento foi colhido em 1965 pelo Padre Sabatini Silvano e está contido no livro "Ritorno alla maloca", editado pela EMI, Bologna (Itália), em 1973.

ORIGEM LENDÁRIA DA MALOCA DA RAPOSA.

Tinham dois homens, eram irmãos, pegaram uma raposa e queriam criá-la. Mas a raposa fugiu e desapareceu em baixo da terra. Quando procuraram, quem via os rastos da raposa? O chão era todo limpo. Mas, viram terra mechida. Então cavaram, seguindo o buraco cavaram, cavaram ainda por todo o lavrado em direção das serras, até alcançá-las. Cavaram também dentro da serra, alcançaram a rocha, rocha dura, rocha de ferro, e a raposa penetrou na rocha e eles atrás. Cavaram na rocha até que a raposa consou e a capturaram.

Tem ainda a caverna por eles cavada onde a capturaram. A capturaram e a mataram e a cortaram em três pedaços. Têm ainda lá os três pedaços. Têm ainda lá os três pedaços da raposa. Viraram em pedra. Depois surgiu água que se enfiou nas rachas duras da serra e no lavrado. E a maloca se chamou "Maloca da Raposa"; o igarapé, igarapé da Raposa; e as serras vizinhas, serras da Raposa.

Assim é nos contos dos antigos.

GUERRA MACUXI E WAPIXANA.

Naqueles tempos, não existiam armas mas amago de madeira (bordunas e arcos de guerra). Antigamente os índios tinham muita força, hoje são fracos. Os velhos dizem que o fim dos índios foi a introdução do sal por parte dos brancos. Quando os índios não usavam sal, tinham uma força terrível e podiam matar grandes bichos com suas mãos. Era força demais. E corriam ligeiro como qualquer coisa que anda ligeiro. Mais ligeiro dos animais. Acredito mesmo que tinha sido o sal que estragou tudo. Agora não existe mais índio que corra de verdade, não tem mesmo, nem para alcançar, na corrida, uma raposa. Naquele tempo, o índio corria atrás do veado e o pegava com suas mãos, corria ligeiro demais.

Eu não sei porque começou a guerra entre Macuxi e Wapixana. Foi uma guerra terrível. Foi comprida, durou muitos anos e foi terrível de verdade.

Os ataques sempre vinham realizados a noite. Os exploradores

2)

vinham a estudar a maloca. Depois o inimigo vinha a noite. As malocas vinham cercadas. Todo mundo dormia. A porta vinha quebrada com grandes bordunas, a porta arrebentava toda e os que tentavam fugir vinham esmagados com bordunas.

A maloca era assim: tinha no meio um grande pau e muitos paus ao redor assim, todos redondos. Só tinha uma porta pequena. Não tinha outras. Em uma maloca habitavam muitas famílias: dez ou vinte. A casa era grande, com muitos paus e era coberta com folhas de buriti. Dentro cabiam em muitos. Era redonda com um só pau central e aos paus laterais se amarravam as redes de envira. Tuxaua Damasio conta que naquele tempo foi descoberto o arco e a flecha. E então se matavam e matavam com flechas também os meninos e as mulheres, todo mundo, e deixavam só um como raça. O sobrevivente andava nos arredores, ia longe e convidava os outros a formar um grupo grande e voltavam e matavam todos menos um e assim em seguida, e os índios se acabavam. E morriam muitos índios. A razão era ambição por causa das terras, porque naquele tempo não tinha nada, não tinha cria de gado, não tinha cavalo, não tinha nada, tinha só peixe, tinha muitos patos selvagens, aves, bichos e tudo, e em abundância.

Então um dizia: "O meu é até lá e ninguém deve botar o nariz". Um entrava e morria. Eu não sei bem estas coisas. O índio selvagem fazia isso.

OS ÍNDIOS CONHECEM OS BRANCOS.

Nos meus tempos, não tinha nada disso. Quando nasci, acredito que Padre Bonaventura já não se achasse nesta região. Os índios contavam de maloca em maloca que tinham os Padres que iam descobrindo todas as regiões, que tinham já rezado a primeira missa no Brasil; e o índio vinha a conhecer estas coisas e as contava para os outros. Naquele tempo, o índio ia até Manaus e até Belém. A viagem durava muitos, muitos meses. Quem ia, na volta contava as coisas maravilhosas dos brancos. Depois, apareceram aqui os primeiros brancos, e o índio trabalhava para eles, para receber um pedaço de rabo. Naquele tempo o rabo era muito feio e fraco. Mas índio ia embora com

o seu barco e ia para Manaus, remando no seu barco com um remo de direção e muitos paus. O barco era grande e cabia muita gente e era com o barco que o índio ia.

O nosso povo veio da Venezuela, também do Brasil mesmo.

Foi durante a guerra com os Wapixana, que os Macuxi vieram morar neste lavrado. Acho que quem ganhou a guerra foram os Makuxi. Tinham muitos índios aqui, naquele tempo. Mas depois che chegou o branco mataram um grande número, os mataram muito mesmo e batiam todo mundo; e o índio fugia e se escondia no mato. Quando viam o branco, fugiam mais velozes de tudo. O branco, naquele tempo, era ruim. às vezes, o índio matava o branco e fugia. Mas os brancos vinham em grande número e tinham fogo terrível e iam atrás. Teve muitas mortes de brancos mortos pelos índios e de índios mortos pelos brancos. Agora é diferente, qualquer lugar está cheio de brancos: no lavrado, nas serras, nos garimpos, e o índio diminuiu muito.

Também os remédios mataram muitos índios. Os remédios dos brancos matavam porque o índio não sabia tomar os remédios. O índio tomava o remédio, comia alguma coisa, ia tomar banho e morria. O remédio mata mesmo, nos acabou. Chegavam remédios ruins: o índio tomava o remédio e morria. Se colocava perto do fogo, se esquentava, e muitos morriam. Chegava frio no corpo e morria. Depois que chegou o branco, o índio ficou mais fraco, sem forças, sem vontade, mais preguiçoso, e tudo mudou.

A REDE E OS COSTUMES DO ÍNDIO.

A rede, naquele tempo, era só de envira. Mas, naquele tempo, quando papai nasceu, tinha ja o rabo. Vestiam o rabo circun dando os rins e depois passando aqui e depois aqui, e o homem era vestido. Era tão bonito! As mulheres usavam só tanga, feita de fios de algodão ou outro.

Descobriram, depois, que tinham pequenas sementes de vidro colorido e furado: "Ih!!! Como eram bonitos!". Eu não sei como se chamam, e as mulheres os tessiam com fios de algodão; assim foram fazendo descobertas, fazendo descobertas, e nasceu a tanga de hoje.

4)

A DANÇA.

Tinha o urucu que pintava aqui na cara do índio. E o índio era furado aqui no lobo da orelha e aqui no nariz, e estava pronto: o índio vestido e enfeitado. Era bonito!

Ele dançava muito e fazia festas e dançava a parixara, a pa xamutucu, a paari (maari). Naquele tempo não existia ainda a dança do Aleluia. No tempo em que eramos índios, o canto era este: parixara. Se corria muito e se fazia festa. Os índios se reuniam: de lá vinha um grupo, de cá vinha outro, pa ra provar que eramos índios.

Na dança parixara, não se usava tabatinga, mas o único or- namento eram folhas de najá, amarradas aqui nos rins, até abaixo dos joelhos. O índio fazia também um colar de folhas de najá, aqui em volta do pescoço, chapéu também de folhas; usava também instrumentos de inbaúba, vazio dentro, e saia o som: "Uuuuuuuuuuu". A parixara era dançada por homens e mulheres. A roupa ornamental da mulher eram chapéu de fol- has de palmeira e tanga grande que ia até os joelhos. Usavam também castanhas, enfiadas em um arco redondo. As castanhas vinham mechidas e faziam barulho. Na dança cada um tinha seu instrumento inbaúba. Na boca do instrumento vinha aplicado um ornamento esculpido no chamaóma, madeira grande e muito mole. O ornamento era cabeça de honens ou peixes ou outro, que era fácil de esculpir na madeira mole, e o aplicava na boca do instrumento, e depois só tinha de pintar para ficar pronto.

O ornamento da dança tokui, em vez, era de penas de aves no colo e também na cabeça, e pintura de tabatinga por todo o corpo. Tinha instrumentos musicais de uma planta, a ngira ke vei, e um outro instrumento era de taboca e se chamava kadé. Era com canos, um mais comprido e outro mais curto, com cin- co, sete e até dez canos. O som da taboca era: "Tiriririri". Era a música para acabar a dança, e então todos paravam e gritavam: "Ohiiiiiiii". Era uma animação doida.

Eu não posso explicar bem, porque quando acordei já tinha ci- vilizados na região. Papai poderia explicar bem estas coisas. Também tuxaua Damasio, porque seu pai lhe contava tudo.

Nos tencionamos escrever todas estas coisas, e também as guerras, que foram muitas.

ORIGEM DA DANÇA PARIXARA.

Tinha música própria, mas eu não a conheço bem. Não, porque aquele tempo acabou e eu nunca dancei. O canto era improvisação do momento.

Dizem que foi Solimano ou Salomone, o filho de David, o inventor desta dança parixara. Lendo há pouco a Bíblia eu o achei, mas não tenho certeza que seja ele. Não, não tenho certeza. Todavia, a nossa história antiga conta assim.

Os nossos antigos contam que Deus mandou Solimano e falou: "Solimano, vai na terra para ensinar. Estão lá em baixo, ensina para eles a religião". Todavia, Solimano veio aqui em baixo, mas religião não ensinou, não, nada, mas cada tipo de dança pagã, e especialmente inventou parixara. Desde aquele tempo inventou isso.

BEBIDAS INDÍGENAS.

Para dançar parixara se tomava uma bebida forte, preparada para isso: uns cediam, outros resistiam aos seus efeitos; porque se preparavam para poder beber. Un se preparavam para poder vomitar e outros se preparavam para não cair. Eles faziam remédio para não cair, eles o sabiam fazer.

A bebida era pajoaru, de mandioca. Não é o caxiri que é outra bebida. Caxiri é massa de mandioca ralada e masticada, e depois cuspidada em uma vasilha. Se coloca depois água dentro e fermentando e fermentando ainda, fica pronto o caxiri.

Para preparar pajoaru, em vez, preparam beiju um pouco queimado, o colocam no jamachim, o carregam nas costas, vão ao rio, molham bem o beiju e voltam à maloca. Se preparam muitas brazas com cinzas, em cima se colocam muitas folhas de banana, bem em cima se coloca o beiju e depois se cobre tudo com muitas folhas ainda. Isso não resfria, mas fica muito quente. Hoje se coloca, amanhã não mecher, depois de amanhã somente é que se descobre. É doce, doce, muito doce. Depois se soloca beiju doce dentro de uma panela de barro e se deixa lá

6)

três ou quatro dias; depois se filtra e se bota numa outra panela de barro. Está pronto. Mas é tão forte, que a medida de uma pequena cuia é suficiente para fazer cair. Do sabor é como caxiri, mas é muito forte.

Outra bebida é paivá, parecida com pajoaru, mas talvez mais forte ainda. Pairá não é feita em baixo das folhas e em cima da braça, mas é colocada sobre o girau. É parecido, mas é beiju mais queimado.

Existem ainda outras bebidas, muitas bebidas doces (com pouco álcool) de batata doce, de milho, de mandioca, de jirinu, mas não embebeda ninguém.

Tem também o caxiri preto de mandioca queimada, diluída na água e deixada na panela. Caxiri branco de mandioca não embebeda não. É fraco. Também aquele de milho, batata doce e jirinu, não embebeda.

Caxiri preto é muito bom, mas é forte, purifica também tudo e faz mijar bem.

Agora, nas nossas malocas, estamos proibindo o pajoaru porque traz o mal, e nós estamos tirando a permissão de fazê-lo. Mas em umas malocas não somos obedecidos. Eles o fabricam. Na Raposa, desde muitos anos não se usa mais e por isso muitos não vêm mais aqui para as grandes reuniões. Eles dizem:

"Tu não vou na Raposa: não tem pajoaru e então não tem festa".

Nas festas de pajoaru têm, agora, danças com violão e sanfona e participam também os brancos, e se abraçam as mulheres e se namora, no lavrado ao redor. As índias jovens têm orgulho de ir com o branco e o branco as leva embora. Tu não quero isso. Nós todos fazemos grandes esforços para obter que todas as malocas venham aqui na Raposa para as grandes reuniões comunitárias para celebrar as festas tradicionais sob um rígido controle e com exclusão dos brancos. No próximo Natal faremos grandes esforços para que todos venham. Nos meses de outubro e novembro irei nas malocas para convidar todos os índios, todos mesmos. Ir na Raposa para aprender e depois ensinar para os outros.

Quem nos trouxe a dança do Aleluia foi o pagé Magalhães. Ele tinha outro irmão, ele também pagé. Kanaimé matou Magalhães. Magalhães morreu e o espírito dele foi-se embora,

mas não alcançou Deus. Ficou muito mais pra cá, porque tomava tabaco e batia as folhas.

Deus não o quis e seu espírito não alcançou Deus.

O irmão dele, que era mais velho, começou a trabalhar com feitiços, eu não sei como, pediu ao anjo de ir no corpo do irmão. Era o anjo do céu de Deus. O anjo veio e o resuscitou. O espírito de Magalhães, ao contrário, não voltou mais, não pôde mais entrar no corpo, mas só o anjo podia. Aí começou o Aleluia. E Magalhães cantou, cantou, cantou até que Kanaimé o matou novamente. E veio um outro anjo no lugar do primeiro e então continuou, continuou, continuou e no fim terminou o Aleluia e Kanaimé o matou novamente. Kanaimé não quer saber do Aleluia de jeito nenhum, de jeito nenhum. Despreza o Aleluia, despreza a religião, despreza Deus. Presta só para fazer o mal.

A MORTE DE MAGALHÃES.

Eis como morreu Magalhães, a última vez.

O corpo de Magalhães estava ficando velho. Ficava velho, sempre continuando com este Aleluia que ensinava muito. Muitos iam lá para aprender a dançar o Aleluia e a rezar. É uma oração em forma de dança que nos chama. E tudo isso ensinou durante muitos anos, até que o mataram de novo pela última vez. E ele avisou que não teria mais voltado, de jeito nenhum, de jeito nenhum. O maltrataram muito, lhe machucaram a cabeça, o quebraram todo e não voltou mais. Pois quando estava ficando velho, tinha avisado que não ia mais voltar. Foi uma coisa grande e maravilhosa o Aleluia para os índios Macuxi. Assim foi criado o Aleluia. O velho Magalhães, quando era vivo na terra, falava muito de Jesus Cristo. Jesus Cristo mora um pouco mais pra cá de Deus. A maloca de Deus está muito longe, é um espelho puro. Aquela de Jesus Cristo é mais pra cá, mais perto. Ele falava Jesus Cristo ou Jesus Cray. As danças do Aleluia falam de Jesus Cristo.

Eis como Magalhães recebia e aprendia os cantos do Aleluia. Magalhães fazia assim: ele dormia e seu espírito ia até lá para aprender os cantos. Ele os aprendia com Jesus Cray e

8)

voltava pra cá e vinha cantá-los aqui, antes do amanhecer. Acordava antes do amanhecer e cantava. E depois ninguém mais ouviu vozes aqui, mas nós os cantos os havíamos já recolhidos. Magalhães ensinava aos outros. Cada dia ensinava uns cantos. Kanaimé o matava porque tinha inveja. Kanaimé não quer nada de bon. Se eu sou rico ele quer me matar. Ele não gosta destas coisas, não gosta do bon, não gosta de nada, e pensa logo em tirar a vida. Kanaimé pegou Magalhães e o matou três vezes: foi pego, o maltrataram muito, tiraram-lhe a pele do corpo, foi massacrado muito, muito. Lhe cortaram a língua e o pisaram. Eu porém acho que não foi o Kanaimé que o pegou, mas que foram os índios. O que você acha?

O Aleluia foi criado aqui entre estas serras. Magalhães e também meu pai veio daquela direção, das serras, da região de Maturuca. Vinham rumo ao lavrado. Quando o inimigo vinha e atacava, Magalhães vinha um pouco mais pra cá. O inimigo atacava de novo e ele vinha de novo um pouco mais pra cá.

Sempre assim, até que chegou no lavrado da Raposa, aos pés da Serra onde parou muito tempo; Depois foi para Capivari, em Sebastopol e continuou em suas emigrações para a Guiana, e foi lá que morreu. Ainda vivem lá dois filhos seus.

Na maloca da Raposa foi feito poucas vezes. Antes o Aleluia se fazia nas serras; mas nas outras malocas não tinha. Se faz somente aqui, depois que meu pai o gravou muito bem na cabeça e o ensinou aos outros. Tem um outro Aleluia lá nas serras e foram outros que o criaram lá, na tribo dos Ingari-kó. Não conheço a história daquele, é diferente, e quem a conhece um pouco é meu pai. Porém aquela da Raposa é melhor. Mas somente para nós Macuxi. Lá, é uma outra língua e talvez para eles é melhor o deles. Por exemplo os americanos cantam e nós não achamos bom; o branco escuta e acha muito lindo. As maneiras são diferentes.

MAGIA E FEITIÇARIA.

Fazendo reza, e o índio pode fazer reza, índio para as enorragias. O sangue está saindo, índio faz reza e o sangue para. Índio com reza faz tudo e cura as doenças. Eu também sei fazer reza, mas agora eu estou deixando de fazer isso. Porém eu não fiz mal a ninguém. Têm índios que fazem o mal, estragando os outros, fazendo feitiço. Isto não é bom e Deus não gosta. Mas hoje, isto acabou. Os pagés estão acabando. Está acabando o feiticeiro que soprava.

Foi meu pai que sacudiu o poder dos pagés. Papai matou, um dia seu cunhado. Era um pagé que matava muita gente, aqui na Raposa. Era cunhado dele, casado com sua irmã que é ainda viva e que se chama Cesarina. Ninguém o sabia, mas aquele matou muito, muito, mas muito mesmo, com a planta, quer dizer com o feitiço, soprava. Um pouco por vez estava acabando com todos os moradores da maloca, até que matou minha irmã. Logo em seguida, meu pai estava dançando o Aleluia e o pagé lhe gritou e falou: "Viriato, o barco, aquele que acabou de fazer, está apodrecendo e você também irá lá".

Meu pai entendeu logo o significado daquelas palavras e a alusão à morte e ao enterro de sua filha. Meu pai começou logo ansiosamente a procurar de matar aquele que tinha matado sua filha. Deixou logo de dançar, pegou um martelo e se colocou na espera, em companhia de um primo dele. Enquanto o cunhado passava, meu pai lhe deu o martelo na cabeça, e o martelo entrou profundamente no crânio, e foi o fim.

Quando caiu imóvel seus sapatos tinham os fundos ferrados, lhe tiraram os sapatos, lhe quebraram o restante, e o acabaram com os sapatos ferrados.

"O barco por ti escavado está apodrecendo", assim tinha fado o pagé, mas papai não possuíam barco nenhum então, aquele aludia à morte de sua filha. Meu pai entendeu as palavras do pagé: ele também teria acabado no mesmo lugar, em baixo de um barco cavado há pouco. Devia ser eliminado e então o surpreendeu antes, e matou o pagé. O cunhado tin-

10)

ha matado minha irmã com o feitiço.

Também agora existem muitos pagés entre os Ingarikó que usam muitos meios de feitiçaria. Creio que eles tenham um acordo com o demonio.

Existe uma planta que falando em cima e soprando mata. Por exemplo o tal usa feitiço e eu quero eliminá-lo. Eu estou aqui com meu chiribabo, o meu feitiço, a planta quero dizer. Eu estou falando aqui e soprando: "Olha, vai matar aquele rapaz, lá, naquela direção, assim, assim". E o chiribabo obedece, sim senhor, e vá e mata.

O KANAIME.

Também o cunhado de papai era um Kanaimé. O Kanaimé é um índio igual aos outros. Não é um bicho. Muitos índios acreditam que um Kanaimé vire animal, como: tamanduá, macaco, onça e outros. E as pessoas simples acreditam nesta transformação. Porém, não é assim. Ele não se transforma, eu tenho certeza que não se transforma. É só o espírito do Kanaimé que sai do seu corpo para entrar no tamanduá, na onça e em outros animais. O Kanaimé está lá deitado. Está deitado na sua rede. O seu espírito sai e entra nos bichos. Agora, entre nós, está acabando esta coisa. Mas eu estou sempre com medo. Eu ando pra cá e pra lá mas estou sempre preocupado e inquieto. Tenho medo disso, de achar um Kanaimé de um momento pelo outro. Porém agora está acabando. Ultimamente não acontece mais entre nós.

COMO AGE O KANAIME

Vamos dizer que eu seja Kanaimé. Eu estou com ódio de um outro. E então eu, quer dizer meu espírito, sob forma de um animal, preparo um ataque no mato. O pobrezinho avança distraído e eu lhe caio em cima, assim, e o jogo no chão e lhe quebro os dedos, todos, todas as costelas. Se quero furar-lhe a língua para que não fale, furo-a com um dente de cobra venenosa. Uns Kanaimé lhe enfiam folhas no ano, lhe arrancam os genitais, ou lhe cortam a língua no meio, bem no meio. Uns, depois matam com um arco muito alástico dilacerando os intestinos: O Kanaimé prepara um arco pequeno, muito flexível, une as duas pontas e as amarra com nó es-corregadio.

Fica só de enfiar as duas pontas no ano da vítima escolhida, tendo cuidado de conservar fora a extremidade do barbante do nó es-corrégadio e empurrar dentro todo o arco. Agora puxa aqui o bar-bante e lá dentro se desfaz o nó e o pauzinho se abre e fura o intestino, e o quebra todo. Para este homem não tem mais salva-ção: está acabado.

ATIVIDADES DO PAGÉ

O pagé trabalha e, às vezes, quer ganhar a sombra de um homem do ente. O pagé está trabalhando para curar um, para que ganhe de novo sua sombra e sua saúde. Pode fazê-sin, mas com o poder do demônio. É o demônio que faz tudo com o pagé. Pagé não trabalha com o poder de Deus.

Que eu saiba, entre os antigos ninguém curava com o poder de Deus. Deus é bom. O pagé, ao contrário, não vê nunca Deus, porque ele toma tabaco, bate as folhas, e trabalha com o couro. Mistura tabaco com água para tomá-lo. Bate folhas de maruái. Este é um arbusto muito cheiroso. O pagé pega um galho, o amarra e o bate até que vem o seu espírito. Então o espírito do pagé vai embora para trabalhar no redor todo, vigia tudo e trabalha, vasculhando as serras, vasculhando os animais também dentro da água. Anda aí no redor, em qualquer canto. Ele está curando o doente batten-do as folhas, indo à procura da sua sombra e achar se foi um animal que levou embora a sombra e procura, às vezes o doente sente dor porque o animal lhe lançou uma flecha, outras vezes, porque o animal roubou-lhe a sombra e o pagé deve desco-brir se esta é a razão da doença e curar. Ninguém sabe como o animal consegue levar embora a sombra do homem. O pagé traba-lha para isso, para procurar o espírito do doente que o animal pega e joga ou nas serras ou na boca de um animal dentro da água. Quando o pagé acha o espírito do doente o traz de volta e este recupera a saúde. O homem adoece quando seu espírito vai embora. O pagé bate as folhas para poder ir à procura de onde está a sombra; acha, leva de volta e o doente sara. Se não a-cha o doente morre. às vezes o pagé não é bastante preparado, não entende e não pode achar. Então para o doente acaba tudo. Porque o espírito do doente pode ser jogado dentro das serras ou dentro da água, mas pagé bom acha, vai direto lá onde se acha.

12)

Mas precisa ser pagé bom para fazer isto. Têm também muitos pagés mentirosos. Agora eu não acredito muito que o pagé vai pegar o espírito, mas os meus Macuxi acreditam. Minha mãe acredita, pobresinha, e não quer saber dos remédios: quer só o pagé que para ela é medico e cura mais do que os remédios. Também na Raposa tem o pagé. Se chama Francisco Macaco, aquele que dançou com o chapéu. Não é aquele que dirigiu a dança do Aleluia. Aquele se chama Trajano. Francisco faz ainda o pagé, mas eu confiu mais non remédios. Eu não acho bom o pagé da Raposa. Ele faz muito feiticós e os outros gostam. Porém já tem alguém que antes procura os remédios, mas, se os remedios não fazem bem, então pede ao pagé para procurar~~l~~he a sombra. Eu tenho certeza que o Francisco não é um bon esperto e às vezes mente. Ele diz que o doente irá morrer, e depois, o outro acaba vivendo. Outra vez fala que não irá morrer e o outro vai-se embora: não conta direito as coisas.

CHEGADA DOS BRANCOS E INVAÇÃO DAS TERRAS.

Meu pai, que era tuxaua, deixou que os brancos entrassem nas terras da maloca da Raposa.

Branco veio e falou: "Compadre, eu farei minha casa bem aí. Eu não tomo a tua terra, compadre; eu não tenho terra, olha, reuno aqui meu rebanho. Mas fique socegado, eu não tomo as tuas terras. Fico só o tempo necessário para reunir meu rebanho que se perdeu no lavrado; mas, durante o tempo em que ficarei aqui serei muito gentil com vocês todos: terá carne se vós quiser, terá carne, terá leite, será muito bon para vocês, compadre".

Papai diz: "Tá bom, compadre. Se é como você fala, pode ficar aqui". Então o branco construiu sua casa, levantou a cerca para os animais e prometeu da dar um quarto de carne. Papai ficou entusiasmato, porque a fome não é brincadeira. A primeira vez que o branco matou, deu um quarto prometido, e papai falou: "Puxa! que dono bom". Quando o branco matou a segunda vez falou: "Olha compadre, a carne está ficando muito cara, não posso mais dar-te um quarto, não posso mesmo. Toma um pedaço".

A terceira vez diz: " compadre, carne não posso mesmo dar-te. Fica com o bucho, os ossos e a cabeça do bicho".

A quarta vez diz: "Presta atenção, compadre. Não posso mais te dar nada, sabe? Nem a buchada. Você sabe bem que aqui não temos sabão. Minha mulher fará sabão: terá para todos". Meu pai falava sempre: "Tá bom".

E passa primeiro, segundo, terceiro, quarto ano e o branco não dava mais nada. Ficou muitos anos e quando foi embora, no lugar de deixar como quando tinha chegado, vendeu a terra para Isaias Madeira de Surunau: o preço foi um cavalo e Raposa passou para Isaias Madeira. Sofremos muito, muito. Eu, que tinha virado tuxaua fui falar com o primeiro branco, o senhor Luís Marajo. Falei: "Porque vendeu nossa maloca?". Ele diz que não a tinha vendido. Ele mentiu para mim, para um índio, e diz que não tinha vendido. Nós podíamos ter mandado embora Isaias Madeira, mas tínhamos medo.

Um dia, muito tempo depois, este vendeu para Francisco, que agora já morreu. Eu estava cortando madeira no mato para construir a igreja. Veio um moço e me diz: "Olha que o branco tomou a tua casa".

Eu perguntei: "Mas, já chegou?". Ele diz: "Chegou e tomou-a". Nem me mandaram chamar. Tomaram minha casa e mandaram embora minha mulher com a força. Me zanguiei. Naquele momento pensei de mandar embora minha mulher que tinha abandonado a casa e de me largar dela. Ela certamente devia ter dito: "Não saio. Meu marido está trabalhando longe. Vou chamá-lo e depois falarão com ele".

Quando cheguei, eles me disseram: "Compramos a Raposa, e então vão embora logo".

Eu falei: "Mas como podem fazer uma coisa assim?. Se tivessem chegado com jeito, creio que teriam ganho, porque nós índios eramos simples e tínhamos medo dos brancos. Mas quem sabe que não foi Deus que permitiu que eles chegassem com a violência e que eu ficasse furioso? Realmente eu estava fora de mim. Nem quis ver minha mulher que se tinha deixado amedontar. Cheguei lá que o sol era já em angulo, assim

14)

no horizonte. Eu falei: "Posso entrar?". Eles disseram: "Ninguém entra aqui". Eu entrei sem medo. Eles riram, e disseram: "De onde você vem? Embora, embora! Porque temos comprado Raposa de Isaias Madeira!".

Eu falei: "Não, não vou embora. Eu não vendi para ninguém. Eu nem conheço Isaias Madeira. Como podem ter comprado dele? Esta casa é minha. Vocês devem ir embora daqui!".

E os fiz sair, com força da minha casa; Eles disseram:

"Temos madeira. Construiremos a nossa casa aqui perto". Mas

eu falei: "Eu a queimo, eu a derrubo: vocês não constroem nada aqui". E eles saíram, e dormiram aquela noite pendu-

rando suas redes aos galhos dum mangueira. O dia depois teve uma discussão violenta, com ameaças. Mas eu soube

resistir. Lembrei para eles que teria recorrido à Ispetoria para a proteção dos índios. Eles não aceitaram de vir conosco e aí conseguimos vencê-la. Eu fui com oito homens, es-

colhidos entre os anciãos. Fui obrigado a fazer dez viagens à sede da Ispetoria em Boa Vista, dez viagens compridas.

Mas no fim conseguimos vencer. Foi um trabalho grande poder salvar nossas terras. E tudo isso porque papai não sabia quem fossem os brancos: ele não devia ter tido confiança neles. Ganhamos a causa, mas os brancos continuavam a

ameaçar. Um dia, nos estávamos trabalhando. Eles passaram

e Francisco diz: "Olha que fomos na Ispetoria, depois de você. Dei 10.000Cr\$ ao chefe da Ispetoria e ele nos mandou

aqui para dizer-vos que tudo aqui é nosso e que aqui mandamos nós". Nós eramos em grande número e tínhamos vontade

de acabar com eles, mas ninguém se mecheu. Na mesma tarde

Francisco adoeceu e depois morreu. Morreu ele, morreu a ir mãe, e quase morria também o irmão. Depois, teve uma grande

confusão. Fomos acusados de ter feito feitiço, de té-los

matados, de té-los estragados com feitiçarias. Nos foi man-

dado de comparecer frente às autoridades de Boa Vista, mas

eu falei que não era verdade e que eu tinha certeza que ninguém tinha estragado Francisco. O irmão do Francisco, que

se chamava Alquivi, vendeu a Raposa para Valdenar Gones.

Ele veio e falou que era muito bom, que teria feito grandes

cercas de arame farpado para fechar o gado, e que os animais não teriam encomodado as malocas. E, de novo, nós falamos: "Tá bom, patrão. Se é assim, pode morar aqui nas nossas terras".

Eu fui escolhido como vaqueiro. Eles pensaram que o tuxaua devia ser o vaqueiro. Foi Raimundo Lina que deu esta sugestão: "Valdemar, cuidado! Bota o tuxaua deles como vaqueiro. Não bote ninguém outro, porque se coloca o tuxaua, os outros ficarão bons e tranquilos e, até que o tuxaua ficará na tua casa, você poderá ficar lá".

Eu trabalhei lá um mês e não foi possível aguentar mais.

Aquilo que sofri lá, não o sofri metade na minha casa. Logo o patrão me falou: "É bom medir o leite aos meninos.

Você sabe que tudo é caro e não se pode dar muito leite".

Depois me proibiu de oferecer uma chicara de café para aqueles que vinham me visitar. Mas como! Se antes aqui na

minha casa, vinham todos e se tinha comida em casa, eu a

dava para todos; se eu comia, eles também comiam; se eu passava fome, eles também passavam fome! Não podia mais aguentar lá. Foi-me embora, e então tudo estragou-se. Foi-me embora mesmo, e voltei na minha casa.

Cedo começou a aparecer gado de Gomes perto da maloca. Eu falei para o novo vaqueiro: "Como é que o gado anda ao redor da maloca? Não quero gado aqui, porque os meus índios matarão o gado para se alimentar e o fato dará muita confusão para nós."

O vaqueiro falou que o dono tinha-lhe mandado de fazer assim. Mas o dono falou que o vaqueiro era um mentiroso. Eu me convenci que o vaqueiro não estava mentindo e o aconselhei de não trabalhar mais para o branco. E assim Gomes ficou sozinho na própria casa sem companheiro.

Logo em seguida, Gomes brigou com sua mulher porque ele vivia com uma outra mulher. Se largaram, e Gomes foi com a outra mulher; Tinham seis fazendas e as dividiram: três cada um. A Raposa foi para a mulher, Dona Batrice.

Foi Abel que falou primeiro de comprar de novo todo o ter-

16)

reno da maloca. Dona Beatrice falou que vendia, e nós compramos. Era terra nossa, era maloca nossa e foi preciso comprá-la de novo dos brancos! Tágamos naquela época 15 Contoá de Réis. Os brancos tinham documentos de propriedade do terreno, mas não os deram até hoje. Depois de muito trabalho, foi possível legalizar o nosso terreno, mas com documentos novos. Vou pegar o novo documento para mostrá-lo para você. Olha, quando o branco invade os nossos terrenos, é muito difícil para o índio conseguir salvar as suas terras. Mas nós conseguimos! E para receber este papel quanto lutamos. Mas agora temos-o. Leia:

CERTIFICADO DE PROPRIEDADE

A pedido verbal, certifico que, conforme o processo 3/11/63, o dia 12 de novembro de 1963 o senhor Gabriel Viriato Raposo solicitou a compra de uma área de terra, chamada Raposa, na região de Tacutu, que mede cerca de 20 milhões de metros quadrados, com as seguintes divisas: ao leste, as nascentes do igarapé Arribação e depois a cerca do senhor José Cláudio da Silva; ao oeste, o igarapé da Raposa; ao sul o igarapé Itatu e os lagos de Tarumã e Cheirosa; ao norte as serras de Raposa. O presente edito n. 15/64, foi publicado na Gazeta Oficial do dia 12/2/64 sem alguma contestação ou protesta. E para que conste, eu Tarcisio Ayres, chefe da sessão de terras e colonização, preparo o presente certificado que é por mim assinado, e aprovado pelo senhor Diretor de produção, terras e colonização.

Tarcisio Ayres

Chefe de sessão de terras e colonização.

Sessão de Terras de Boa Vista

5 de maio de 1964.

Agora, as nossas terras são legalizadas e somos donos de 20 milhões de metros quadrados de lavrado. Quase estava fazendo, de novo, o erro de meu pai, mas meu irmão Abel abriu-me os olhos em tempo.

Agora entendemos.

AGRICULTURA.

A nossa maloca é organizada assim. Agora nós temos 20 milhões de metros quadrados de lavrado para criação. Lá em cima, nas serras, temos também muita terra. É terra boa, aquela das serras, e tem um mato lindo.

Aqui no lavrado, criamos gado e lá plantamos. Lá não precisa fazer cercas porque não tem gado. Lá, derrubamos o mato, limpamos o terreno com o fogo e plantamos. Estes trabalhos são feitos por aqueles da maloca, todos juntos: cada qual escolhe seu pedaço e depois toda a maloca prepara o terreno. Também na construção das casas fazemos assim. A comunidade prepara os terrenos, todos trabalham juntos. Na colheita, cada família pega seu pedaço escolhido antes da preparação. O cultivo principal é a mandioca, mas plantamos também milho, bananas, mamão e jirinu. Mas, a fruta não presta, porque não se acha comprador. Por isso não nos interessamos muito nela. Só farinha de mandioca e milho se vendem. Nós vendemos tudo junto. Vem o branco e deve falar só comigo: "Tuxaua, eu preciso de 50 medidas de farinha de mandioca". Eu respondo: "Sim senhor! Para depois de amanhã". Estabelecido o preço, recebo o dinheiro, reuno a comunidade e falo: "Chegou o dono a procura de farinha. Tenho já o dinheiro aqui. Quer 50 medidas. Quantas você dá, parente. "Eu dou cinco, quatro, três, cinco". Às vezes não têm vaga para os últimos e tem que diminuir a quantidade dos primeiros, para que todos possam vender. Só o tuxaua faz os negócios, só ele compra animais de criação. Têm que chorar muito para obter preços melhores. Antes não era assim. Os jovens vinham dos garimpos e falavam aos brancos: "Quer vender aquele cavalo? Eu tenho dinheiro. E dou tanto, porque o dinheiro está aqui. Porque fazer assim? Branco aumentava todos os preços. Tem que saber chorar, fingir que ninguém tem mais dinheiro para comprar, e assim o branco deixa para nós.

18)

A COMPRA DE UM JEEP: UMA DERROTA.

Nós, em 1962, tínhamos decidido de comprar um jeep. Eu briguei com Padre Osvaldo por causa do jeep. Nós tínhamos muito dinheiro, porque tínhamos vendido muita farinha de mandioca e trabalhando muito nos garimpos. Naquele tempo tínhamos ganho muito dinheiro, e muitos índios gastavam muito dinheiro em bebidas e mulheres, lá nos garimpos. Um sozinho gastou cerca de um milhão e meio de cruzeiros. Agora, não gastamos mais.

Tínhamos decidido de comprar um jeep para poder correr também nós e ir para Boa Vista e ganhar dinheiro transportando mercadoria. Nós tínhamos muito dinheiro para comprar. Pensamos também de mandar dois para Boa Vista para pegar a carteira de motorista, porque não é difícil.

Naquela altura chegou Padre Osvaldo e não quis. Zangou-se muito conosco, dizendo que não devíamos comprar o jeep, que era dinheiro jogado fora, que nós teríamos logo quebrado o jeep, que o teríamos deixado cair num buraco e não queria mesmo que o comprássemos.

Nós ficamos com raiva do Padre. Muitos diziam: "mas, são todas mentiras dele, do Padre. Só ele quer ir. Está com inveja e não quer que nós vivamos como os brancos. Nós temos necessidade de carregar as nossas coisas. Ninguém nos fornece transporte de graça. Também quando vamos para Boa Vista, os Padres não nos trazem em casa de carro. É preciso comprá-la". Mas o Padre falou: "Comprais gado. Lembrai-vos da barriga dos vossos filhos, das vossas barrigas, e mais tarde comprarás o jeep.

E cada um começou a dizer: "Compramos o jeep. Não, compramos uma camionete. Não, compramos um trator. Não, compramos gado. E ninguém estava de acordo. O dinheiro diminuía de um dia pelo outro. Antes tínhamos cerca de 15 milhões de cruzeiros, e tínhamos gasto bastante para comprar sal, combustível e outras coisas. Mas os jovens que voltavam dos garimpos gastavam grandes quantidades: tudo aquilo que tinham. Ficavam só quatro milhões e meio de Cr\$. Também o Pa-

dre ficou muito triste porque os jovens idos para Boa Vista e hospedados no colégio da Prelazia, se embebedaram, foram com as mulheres e eu sei que gastaram muito. Por exemplo, Geraldo sozinho, gastou lá mais de 500.000 Cr\$ e tudo para nada. O Padre falou que foi muito feio, e nem pagaram a comida no colégio da Prelazia.

criação de gado.

Nesta altura, tinha ficado menos de quatro milhões de Cr\$. Cada um me deu uma caparra de 4.000 Cr\$ e eu gastei duas semanas indo nos arredores para comprar os primeiros bichos. Eram os primeiros animais que a comunidade comprava. Então começamos a comprar, a comprar novilhas e vacas. Compramos, compramos. Tinhamos já 50, depois tínhamos 60 e depois outros cinco. Um queria ter mais do que o outro, e continuou assim. Ninguém queria mais comprar animais de pouco valor, porque comprando animais de pouco valor a pessoa vai sempre pra trás, não ajuda nada, não adianta nada.

Vimos então que as coisas dos brancos não prestavam. Eu compro um par de sapatos, compro cremes para os cabelos, um lindo chapéu, para ir, tudo bonito, já de lá. Porque comprar estas coisas? Nós vimos que isso tudo não vale nada e a pessoa, com isso, volta pra trás. Nós devíamos mesmo comprar animais. E continuamos comprando, comprando, comprando. Já tínhamos também 30 bois, mas bois grandes, não eram bois pequenos, eram de canga. E depois trocávamos um boi para duas novilhas e assim estamos fazendo. Chegamos a 100.

Agora, o cem é passado já de muito. Também o outro dia, eu comprei duas em troca de um cavalo. Troquei um cavalo com duas novilhas e agora temos já cinquenta cavalos. Ovelhas temos poucas, só 28. Também porcos temos poucos. Também a maloca do Perdiz tem já 20 cabeças de gado e também aquela de Napoleão tem um vinte. As outras malocas não começaram ainda. Mas eu mandei começar derrubar o mato, plantar milho, arroz, feijão e todas as outras coisas, e especialmente a mandioca. Na Pascoa (1965), na reunião geral dos tuxauas, decidimos que os parentes não devem mais trabalhar

para os brancos. Falei para eles: "Trabalhando para os brancos, vocês não dão mais tempo para as vossas roças. Passa o tempo e o branco começa a dizer que tem suas roças para comer e se você lhe trazem uma medida de farinha para vender não quer comprá-la e fala: "Não. Não posso comprar. Eu tenho muita farinha aqui". Se vocês trazem milho, aquele também não o quer. E se vocês perguntam: "Padrão, foi você que plantou?". Ele responde: "Não, não sou eu, foi o índio que plantou. Está na hora de acabar. Todos devemos trabalhar só para nós, para as nossas roças, e trabalhar todos juntos. E também vender e comprar todos juntos. Fazer só uma venda. Vocês não podem vender um aqui e um lá, se não sois acabados. O branco vos engana. Também o combustível, o sal, a roupa, os bichos: tem que comprá-los todos juntos.

O NOVO ÍNDIO MACUKI.

Um tempo, o pano que o branco trazia aqui para vender, era muito vagabundo, mesmo muito vagabundo. Eu fui comprar duas peças de vestido do seu José. Eu diz: "Seu José, tem cortes de vestido?" Ele falou: "Tenho sim". Eu falei: "Olha que pano: o mais vagabundo. Não quero, não. Quero coisa melhor. Ele diz: "Fico surpreendido com você. Antes o índio comprava pano muito pior deste e agora você não quer comprá-lo". Eu falei: "Você falou bem: 'Antes, índio'. Eu não, eu posso comprar melhor. E agora, quer me comprar com aqueles de antes? Não pode, não". Eu falei para os outros tuxauas de não fazer só os trabalhos das roças, eu não proibi outros trabalhos. Índio pode fazer as cercas dos brancos, pode fazer o vaqueiro dos brancos, pode matar os bichos dos brancos, pode fazer as casas dos brancos. Eu falei só das roças, eu proibi só este trabalho. Olha, durante estes anos, o índio derrubou florestas, cultivou roças, fez farinha e, no fim, o índio não tem nada. E depois dizem ainda que o índio é preguiçoso, que índio é ladrão, que o índio não tem nada! E então eu falei assim: "Com o dinheiro que se ganha nos garimpos devemos, antes de tudo, nos virar para a família: ver, quer dizer, se o parente que nos dá o dinhei-

ro ganho, tem coisas suficientes, se tem sal, se tem combustível e outras coisas que nós usamos, e ainda tantas outras coisas da casa. Com aquilo que sobra, deve-se comprar bichos, e não gastar com coisas de nada. Uma vez, todos os índios compravam o rádio a pilhas, e se voltava só atrás. Eu estudei o caso. Com o preço de um rádio se podia comprar uma vaca: e tinha um rádio aí, um outro lá, e o rádio come todo o dinheiro e presta só para fazer barulho. Tem depois aquele negócio da música quando toca um violão e todos ficam aí atentos para escutar e para apreender. Não é interessante nem útil que o índio aprenda tudo isso. E tudo aquele dinheiro perdido e jogado aí. E depois, quanto dinheiro jogado fora para comprar pilhas que são tão caras! Imagina depois, quantos dias jogados fora para ir na Guiana para comprá-las. Isso não presta não. Se vende tudo, mesmo tudo e somente para comprar os bichos. Um rádio é necessário aqui na maloca, e aquele precisa mesmo, mas é suficiente um, só um. Tanto é que, nós temos compradores dos nossos produtos que estão lá em Boa Vista, que fazem pedido de mercadoria nos três horários do rádio do governo, reservados para isso; e também porque, às vezes, um parente vai para Boa Vista e pode nos comunicar suas notícias, se está passando bem. Assim o dono lá, de Boa Vista, pede qualquer mercadoria: ele está lá, nós estamos aqui, escutamos e mandamos-a. O rádio serve só para isso e não para enfeitar qualquer buraco da maloca. A coisa não dava mesmo e mandei que todos vendessem o rádio. Se teremos muito leite, nós voltaremos de novo fortes como antes e, mais tarde, teremos também muita carne. Antigamente, nós tínhamos toda a terra, tínhamos a caça, tínhamos o peixe, tínhamos a fruta do mato: nós tínhamos tudo. Agora, o branco tirou-nos toda a terra e não aghamos mais comida. Nós devemos ter muito gado para ter comida, porque agora nós não comemos, comemos pouco, comemos mal e temos fome mesmo. Não temos mais saúde e somos acabados pela tuberculose.

Padre Osvaldo tinha razão: o jeep nos fazia ir para trás. Nós teríamos gasto muita gasolina, muitas peças e qualquer outra coisa.

Nós, ao contrário, precisamos de muita comida, para voltar fortes como antes. Antigamente, nós pegávamos os veados correndo. Agora, tenho vergonha a dizê-lo, não consigo nem alcançar um porco. Meu pai, que é velho, corre mais do que eu. É assim mesmo! E nós vamos ainda bem agora. Mas têm muitas malocas que são verdadeiramente miseráveis, onde todos passam fome de verdade, e lá o branco, porque os índios não têm mais terras, sempre em cima, sempre em cima, para explorá-los. Têm brancos que não deixam mais pescar, que seguram o veado, que seguraram tudo. Antigamente, o índio matava o veado pegando-o na corrida e com o fogo, queimando o lavrado: hoje em dia é proibido queimar o lavrado. E o índio, como pode procurar-se comida? Também o peixe, o branco pegou-o tudo. Se tem um poço fundo no rio, onde têm muitos peixes, o branco diz: "Este é meu". E o índio, como pode continuar a viver assim? E quase todos os brancos são assim. Nós, porém, só nós, a nossa comunidade, conseguimos retomar a nossa terra do branco. E aqui o branco não entra mais. Somente ontem lutei, lutei, lutei. O branco queria de novo entrar nas nossas terras. Eu falei: "Não!". Se fosse minha, eu poderia até vender a terra, poderia deixar entrar o branco. Mas, a terra é nossa, de nós todos. Me pediu até: "Tem o certificado de propriedade da terra?". Eu falei: "Tenho, sim senhor. Tenho sim. Quer vê-lo, branco? Eu vou pegá-lo". Mas ele diz: "Não". Porque se eu falo que não tenho o certificado de propriedade, ele não leva em conta ninguém: prepara e entregue seu pedido ao INCRA, e o nosso terreno é perdido. É por isso que fizemos o certificado. O tenho aqui, mesmo neste bolso. Eu já o mostrei, Padre. O levei aos encarregados dos índios, para pagar os impostos. Tem que pagar cada ano, sabia? Mas pagamos sempre um ano antes, se não os brancos fazem guerra, disso pode ter certeza. Mas eu, agora, estou pronto para tudo e o branco não ganhará. Para o branco eu falei assim: "Nós devemos fazer as coisas em paz e bem,

porque você, branco, mora aí, perto de nós". Eu não posso dizer que não preciso do branco: eu preciso dele. Eu não posso dizer que não preciso do branco que cria gado: eu preciso dele. O branco que cria gado vai para Manaus, compra mercadoria, compra combustível, compra pão, compra remédio, compra tudo. Traz aqui, ele vende e nós compramos. Não nos dá nada de graça: nós, dele, compramos tudo. Mas também o branco precisa de índio, não é verdade? Oh, Padre, como entendemos bem aquilo que você nos explicou.

MUITOS TÊM VERGONHA DE SER MACUXI.

Agora, nós sabemos porque o branco tem uma linda casa, tem o carro, tem o jeep, tem o avião, tem tudo. Antes trabalharam para a comida, e depois para tudo aquilo que é bom. Nós índios não fazemos economias, branco porém faz economias. Também nós, para gastar, devemos fazer economias. Agora nós construímos a nossa força, a força dos nossos filhos. Nós agora amamos demais nossos rebanhos, porque os ganhamos com o nosso trabalho, com o nosso dinheiro. Também nós, para usar as nossas coisas, não devemos receber as nossas coisas do branco. Nós devemos trabalhar. A Raposa agora ensinará aos índios das outras malocas. Aquilo que nós fizemos, também os outros índios poderão fazê-lo. Nós plantamos mandioca e vendemos farinha ao branco, e trabalhamos nos garimpos. Com o dinheiro ganho compramos novilhas e vacas e bois e tudo. É muito ruim gastar dinheiro em bebidas de nada, em caça, em mulheres e em todas aquelas coisas dos brancos: só se volta prá trás. Não adianta nem para Deus, nem para nós, nem para os nossos filhos. Infelizmente, têm muitos de nós, que têm vergonha de ser Macuxi. Querem ser como os brancos e querem aparecer como os brancos. Isto não está certo. Mas você falou que não tem vergonha de dizer que é italiano e que nós não devemos ter vergonha de dizer que somos Macuxi. Não é verdade isso? Porém muitos índios tem vergonha. Lá na Aratanha, têm muitos índios que dizem: "Ser Macuxi não presta para nada. Ser Macuxi é uma vergonha. Nós

não falamos mais macuxi. Nós falamos português!". Então, eu falei: "Mas escuta só, rapaz. Em qual situação se coloca? Olha bem. Vocês estão todos lá na Aratanha, e chega o branco e fala: "Mas, olha só aquele rapaz não fala mais macuxi, não fala mesmo, fala só português. E, como prêmio, lhe dá de presente três bichos e todas as coisas das quais precisa. Já fez isto, o branco? Falou isto umas vezes? Já viram um branco ajudar um índio? Não ajuda, não. E então, porque não falais a vossa língua?". Certamente, tem que aprender todas as línguas, mas não esquecer a nossa. Têm índios na Guiana que estão mais adiantados de nós, das tribos Wapixana, Wai-Wai e também Macuxi. Têm lá, Macuxi que sabem falar inflês, sabem falar português, sabem falar makuxi, wapixana, wai-wai, patanona, ingarikó, e todas as línguas. O branco inglês viaja com eles e paga oitenta dolares por mês: oitenta dolares, só para falar!

ÍNDIO ENTENDEU QUE O DEUS DOS BRANCOS É RUÍM.

Olha, quando branco chegou na nossa terra, índio pensava que branco estava do lado de Deus, índio pensava que Deus tinha vindo para visitá-lo. Tanto é que, branco tem tudo e índio não tem nada:

branco tem arame farpado, nós não temos;

branco tem livro, nós não temos;

branco tem machado, nós não temos;

branco tem carro, nós não temos;

branco tem avião, nós não temos.

Mas branco chegou e roubou as nossas terras: e o índio não podia mais caçar.

Falou que as terras boas era dele, falou que os peixes dos rios e dos lagos eram dele. Depois trouxe as doenças.

Depois aproveitou das nossas mulheres!

E o índio revoltou-se. Então o branco matou nossos avôs, matou-os, massacrou-os muito, e índio fugia tão ligeiro como a coisa mais ligeira.

E então, índio entendeu que o Deus dos brancos era ruím.

Depois, branco voltava dizendo que ele era bom, que queria morar perto de nós, e nós ficávamos contentes.

Dizia: "Compadre, é bom que eu esteja aqui. Eu não levo embora as tuas terras. E enquanto eu estou aqui, terá carne para você e para teus filhos."

E índio dizia: "Tá bom, dono, fica aqui".

O branco prometia e não dava, e continuava a tirar as nossas terras.

Dizia que as terras era dele,

que o veado era dele,

que o peixe era dele,

e que tudo era dele.

E índio tinha muita fome.

Você sabe o que é a fome?

A fome não é brincadeira, sabe?

Eu te digo, a fome não é brincadeira.